



JORNAL
JUNHO / SETEMBRO 2013

13

ÍNDICE

Produtos

2 A soma de todos os medos

Boas práticas

3 As peças do puzzle

Notícias

4 Distinção de mérito

Reabilitar para arrendar

Recursos Humanos

5 Importância do Alinhamento

entre os Valores Pessoais

e Valores Organizacionais

no Comprometimento Organizacional

Obras

6/7 Palácio de Belém

Opinião

8 Portugal tem futuro

Antes que chova

A história da humanidade relata o esforço que desde sempre o Homem fez na tentativa de mudar a seu favor o ambiente, procurando reduzir a incerteza e o risco com base no conhecimento adquirido e nas mudanças ocorridas.

Contudo, são muitos os episódios de tempestades inesperadas, para as quais o Homem não estava preparado, tendo saído delas de forma repentina e atabalhoada, muitas vezes perdendo os anéis para salvar os dedos. Tão distraído pelo sucesso em épocas de bonança, nem sempre pensou em planejar, perceber e analisar as variáveis que não pode controlar, mas às quais se deve ajustar, e em definir de forma muito clara os seus objetivos e a sua estratégia.

O paralelismo com as organizações é por demais evidente.

Muitas vezes as empresas caem no erro de, nas épocas de abundância, descuidar a implementação de métodos de gestão que lhes permitam ter uma visão global sobre a evolução do seu negócio, de forma a poder reagir atempadamente em períodos de crise.

Criado por PR Smith, nos anos 90, mas sendo ainda de grande aplicabilidade nos dias de hoje, o modelo SOSTAC é uma ferramenta de gestão útil, simples e direta, que segue uma sequência de passos, com base num acrónimo, no qual cada elemento faz uma pergunta clara e fornece um ponto de partida fácil:

Situation / Onde estamos agora?

Objectives / Onde queremos chegar?

Strategy / Como é que vamos chegar?

Tactics / De que meios dispomos e como usar os recursos disponíveis?

Actions / Quem é que vai fazer o quê e quando?

Control / Como podemos controlar, avaliar e desenvolver o processo?

Conhecer bem o ponto de partida (uma análise crítica e objetiva da situação atual) é essencial, para delinear o trajeto e o ponto de chegada: Quais são as nossas vantagens competitivas? Temos produtos e serviços diferenciados? Quem são e onde estão os nossos clientes e fornecedores? Quão eficazes são os nossos canais de distribuição e comunicação? De que forma as variáveis que não controlamos podem impactar o nosso negócio?

Depois de saber com clareza e determinação onde queremos chegar, deveremos definir ações e metas a alcançar no futuro, que sejam mensuráveis e realistas, estabelecendo prazos e um cronograma para cada uma delas. Da mesma forma, delegar, responsabilizar e atribuir funções, e eleger as ferramentas certas, garantindo que são usadas eficazmente.

Toda a organização deverá estar sintonizada com a estratégia da empresa. Isso implica saber comunicar o que se pretende, para que cada elemento da equipa conheça exatamente o que se espera dele. Todos os elementos relevantes da equipa deverão participar no processo de planeamento, para que se sintam coautores das decisões tomadas e por isso acrescidamente responsáveis pela boa execução das ações escolhidas.

Frequentemente as organizações caem no erro de elaborar uma simpática lista de desejos que fazem corresponder às primeiras perguntas, falhando nas ferramentas de implementação e controlo, ignorando a sua razoabilidade ou aplicabilidade. Monitorizar periodicamente o progresso e medir o desempenho com mecanismos de feedback, mostra exatamente até que ponto a ação está a ser fiel ao plano traçado e permite tomar medidas que corrijam os eventuais desvios.

Em suma, preparar o futuro, para que não se tenha também que perder os dedos quando o céu se encher de nuvens.

A soma de todos os medos



“A soma de todos os medos” é o título de um filme e a quarta adaptação ao cinema dos livros de Tom Clancy, que assenta igualmente bem quando, no início de um projeto de construção nova, ou renovação, interior ou exterior, se tem de dar resposta a tantas dúvidas quanto à sua conceção/realização. A diversidade de materiais, a conciliação da escolha desses materiais com as preferências do proprietário, as dúvidas de interpretação, saber se o resultado final será apreciado, se no futuro, quaisquer que tenham sido as opções, não haverá problemas... Enfim, uma panóplia de decisões a tomar que podem gerar hesitações e conduzir à “soma de todos os medos”.

Fora da tela, a telha cerâmica, protagonista do nosso negócio, concebida desde sempre como um elemento de proteção, é, ainda hoje, o revestimento mais comum na cobertura de edifícios de habitação na cultura mediterrânica.

Ao longo da história, têm sido introduzidos novos modelos, adequados às culturas e situações climáticas de cada país, cobrindo e ornamentando casas e edificações. Já entre os romanos, e uma vez garantida a função base – estanqueidade – as telhas eram também usadas como elementos decorativos nos telhados, sendo muitas vezes pintadas ou com rebordos trabalhados que permitiam conferir às coberturas um aspeto estético que se coadunasse com a arquitetura do edifício e satisfizesse as pretensões do seu proprietário.

As telhas Plasma TX1 e TX2, concebidas para as fachadas dos edifícios, somam à garantia de estanqueidade o benefício de serem uma excelente opção como elemento decorativo, contemporâneo, que transcende algo mais que um simples elemento de proteção e a quem apetece convidar para o interior. Nas texturas destes modelos pode refletir-se o imaginário, a inspiração, a originalidade, resultando em obra um efeito onde a riqueza do detalhe e a estética imperam.

E foi justamente isso que aconteceu no restaurante Solar das Telheiras, em Bar-

celos. De paredes interiores vazias, cujo destino provável seria um acabamento comum, alguém se atreveu a revesti-las com telha Plasma TX1 na cor antracite, tornando o espaço interior visualmente equilibrado, mas com uma dinâmica de contraste. Claramente, uma aposta improvável. E eclética.

Confusões à parte, o filme “A soma de todos os medos” e a Plasma TX coincidem apenas com o facto de escaparem ambos a alguns clichês e convenções, como a imprevisível entrada da Plasma TX para as paredes interiores. Tudo o resto, é pura ficção.

Quem imaginaria que a telha cerâmica no interior teria um final tão feliz?





As peças do puzzle

ACESSÓRIOS CS



Mais do que um jogo de lógica, os puzzles incitam quem os faz a desenvolver e a melhorar o seu raciocínio e ajudam a perceber as relações do todo com a parte, aumentando a percepção visual e espacial e atuando também como uma forma de melhorar a perícia e a coordenação.

A outra escala, o tipo de projeto de arquitetura determina a forma como ele será abordado e como as peças do puzzle se vão encaixar. A conceção do projeto nasce no desenho do seu autor e é desenvolvida em função do espaço e dos requisitos do cliente. Portanto, tem-se primeiro uma visão do puzzle completo e depois procuram-se as peças que melhor o constituem.

Conhecer as peças do puzzle, neste caso traduzidas pela oferta do mercado, e em particular, no que se refere aos materiais que estão em contacto com o exterior, é essencial a quem projeta para que possa desenvolver, de forma adequada, sistemas simples, globalmente eficientes em termos energéticos, de fácil manutenção, fiáveis e robustos.

A opção pela telha cerâmica para o revestimento de uma cobertura pode surgir por diversas razões, sejam elas de ordem climática, cultural, estética, económica ou por vontade ou necessidade de preservação do património histórico. Mas é reconhecidamente um material com um tempo de vida útil muito superior, quando comparado com as demais soluções disponíveis, e responde muito eficazmente aos requisitos acima descritos.

Quando existia apenas a telha canudo, esta única peça desempenhava todas as funções numa cobertura, desde o beirado até à cumeeira. Entretanto, surgiram outros modelos de telha e verificou-se a necessidade de desenvolver acessórios que facilitassem a execução dos telhados e dessem uma resposta correta a situações que eram mal resolvidas e remediadas com telhas cortadas e argamassadas. E o puzzle começou a enriquecer-se com peças novas.

Há várias décadas, a CS compreendeu esta situação - que um telhado era muito mais do que um conjunto de telhas. No seu departamento de I&D as ideias ganham forma e materializam-se em soluções integrais de coberturas cerâmicas. A CS oferece uma linha de acessórios, grande parte deles exclusivos, que correspondem justamente às peças que faltavam no puzzle. Cada acessório é desenvolvido com a missão de assegurar o excelente comportamento de uma situação singular na cobertura, em

complemento da telha cerâmica. Os acessórios evitam a utilização de argamassas, reduzem o recurso a rufos metálicos, são de aplicação simples, poupando custos de mão-de-obra e minimizam o risco de patologias.

Muitas obras com revestimento em telha cerâmica têm sofrido patologias graves porque, não sendo utilizadas as peças certas do puzzle - os acessórios que melhor se adequam a cada ponto singular - acabam por receber soluções mal remediadas (rendidas à imaginação de cada um - e vêem-se casos de adaptação dignos de registo) que comprometem gravemente a eficiência da cobertura. As situações mais comuns recorrem ao uso de rufos metálicos de má qualidade (solução inestética e de durabilidade inferior à da telha cerâmica), ou ao uso excessivo de argamassas para, de uma forma improvisada e mal sucedida, preencher espaços vazios ou para colar partes de peças que depois de partidas ou cortadas “fabricam” no seu conjunto uma “peça” que fecha determinado ponto da cobertura.

Com uma gama de mais de 300 acessórios, a CS oferece o puzzle completo para soluções integrais de coberturas cerâmicas respondendo, esteticamente e funcionalmente, a todas as situações singulares dos telhados.



Distinção de mérito

Responsáveis por quase dois terços do que se produz em Portugal, as PME representam já mais de um milhão de empresas que constituem um pilar incontornável para a recuperação económica do país.

O Estatuto PME Líder é um selo de reputação, criado pelo IAPMEI para distinguir o mérito das PME nacionais com desempenhos superiores, e é atribuído em parceria com o Turismo de Portugal e o conjunto de Bancos Parceiros, tendo por base as melhores notações de rating e indicadores económico-financeiros.

Existem cerca de 8000 empresas em Portugal com esta distinção mas, apenas 1000 com 5 anos de PME Líder.

Em parceria protocolada com os principais grupos bancários a operar em Portugal, como é o caso do BES, o IAPMEI atribuiu recentemente uma distinção de mérito a 1000 PME, entre as quais a CS, pela sua solidez financeira, qualidade e liderança da sua gestão durante 5 anos consecutivos, o que, num ambiente económico particularmente difícil e num setor altamente penalizado, constitui justificado motivo de orgulho.



Reabilitar para arrendar

O Instituto da Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU) lançou o programa “Reabilitar para Arrendar”, a primeira de várias iniciativas que pretende apresentar nos próximos meses destinadas a incentivar e dinamizar ações de reabilitação urbana em todo o território nacional.

De acordo com o Portal da Habitação - <http://www.portaldahabitacao.pt/> (propriedade do Instituto da Habitação e da Reabilitação Urbana), trata-se de uma nova linha de apoio à reabilitação urbana de edifícios que serão depois arrendados. Este programa, destinado aos Municípios, Empresas Municipais e Sociedades de Reabilitação Urbana, tem uma dotação inicial de 50 milhões de euros, proveniente de um empréstimo concedido pelo Banco Europeu de Investimento. O financiamento previsto será realizado sobre a forma de empréstimo a 30 anos, com 10 anos de carência de capital e com uma taxa de juro indexada à Euribor que rondará os 3%, tendo como limite 50% dos custos do investimento total de cada intervenção.

São prioritárias intervenções ao nível de:

Reabilitação ou reconstrução de edifícios cujo uso seja maioritariamente habitacional e cujos fogos se destinem a arrendamento nos regimes de renda apoiada ou de renda condicionada.

Reabilitação ou criação de espaços do domínio municipal para uso público, desde que ocorram no âmbito de uma operação de reabilitação urbana sistemática, conforme o disposto no Decreto-Lei n.º 307/2009, de 23 de outubro, na redação dada pela Lei n.º 32/2012, de 14 de agosto; Reabilitação ou reconstrução de edifícios que se destinem a equipamentos de uso público, incluindo residências para estudantes;

Construção de edifícios cujo uso seja maioritariamente habitacional e cujos fogos se destinem a arrendamento, nos regimes de renda apoiada ou de renda condicionada, desde que se tratem de intervenções relevantes de preenchimento do tecido urbano antigo.

O programa prevê que cada candidatura possa incluir várias intervenções, que deverão localizar-se em áreas de reabilitação urbana aprovadas ou em processo de delimitação, podendo localizar-se fora destas áreas, caso a candidatura seja apresentada ao abrigo do art.º 77º-A do Regime Jurídico da Reabilitação Urbana, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 307/2009, de 23 de outubro, com as alterações introduzidas pela Lei nº 32/2012, de 14 de agosto.

As candidaturas a este programa terminaram no dia 6 de Junho, devendo as intervenções ter início no prazo máximo de 12 meses, a contar da data de abertura do período de candidaturas e estar concluídas até ao dia 15 de dezembro de 2016.

Será certamente muito útil para todos os atores no sector da construção civil que o IHRU venha a proceder, com a necessária brevidade, à divulgação pública do número de candidaturas submetidas e aprovadas, bem como do valor total das intervenções previstas.





Importância do Alinhamento entre os Valores Pessoais e Valores Organizacionais no Comprometimento Organizacional (parte I)

Como todos nós já sabemos e sentimos, estamos a viver num mundo extremamente instável e com elevados níveis de incerteza, o que altera profundamente o quadro de atuação das organizações em geral. As práticas de gestão que tiveram bons resultados nos anos de 60 a 90, seguramente que não são as que têm sucesso nos dias de hoje.

A tradicional gestão empresarial baseada em objetivos rígidos tem muita dificuldade em vingar no séc. XXI. É necessário desenvolverem-se tendências organizacionais que forcem as empresas a valorizarem outras áreas da gestão que as ajudem a adaptarem-se à nova realidade e tornarem-se mais competitivas. O reconhecimento do valor individual e coletivo dos colaboradores passou, gradualmente, de uma opção a uma obrigação e portanto, uma empresa que almeja o sucesso, precisa que todo o seu processo de gestão tenha em consideração o que está no centro da essência humana, os valores. E assim, estimular e desenvolver os seus recursos humanos, buscando um maior comprometimento organizacional, fundamental para o melhor desempenho e sucesso empresarial.

Convém então, definir o que se entende por valores. Valores são crenças ou princípios, que guiam os comportamentos em direção ao que se pensa ser o melhor para a própria pessoa, ajudando-nos a perceber, a interpretar e a comunicar informações. Portanto, os valores influenciam as nossas atitudes, dizendo aquilo em que devemos acreditar e ajudando a decidir o que está certo ou errado. Os valores são ancorados tanto nos anos de aprendizagem como na experiência do indivíduo. São formados desde a infância, com base nos modelos dos pais, professores e amigos. Muitas vezes, aprendidos inconscientemente.

De modo semelhante aos indivíduos,

também as organizações possuem valores que orientam as suas ações e os comportamentos de quem as integra. Os valores organizacionais podem ser concebidos como princípios que orientam o comportamento de gestores e empregados, sustentam as atitudes e determinam as formas de avaliar comportamentos motivando para o alcance de objetivos.

Os valores organizacionais têm a sua origem nos valores pessoais do seu fundador, dos seus gestores e trabalhadores porque quando se funda uma organização, ou quando nela se ingressa, todos os indivíduos já têm o seu sistema de valores pessoais que definem o que é bom para a pessoa, para a sociedade e, em consequência, para a organização. É óbvio, portanto, que todos ou grande parte dos valores organizacionais são uma transferência de princípios e metas do indivíduo para o ambiente organizacional.

Entende-se que a função dos valores organizacionais consiste na criação de condições favoráveis para o surgimento e desenvolvimento do bem-estar da organização e do indivíduo através da criação de modelos mentais semelhantes, relativos ao funcionamento e à missão da empresa, diminuindo assim as percepções diferentes e portanto, atuando como mediadores de conflitos. Pelo que, pode-se dizer que os valores estão na génese da identidade social da organização, tornando-a distinta em relação às demais organizações.

Conclui-se então, que os valores pessoais e organizacionais têm funções semelhantes: os primeiros orientam a vida das pessoas; os segundos guiam a vida das organizações; os primeiros expressam metas individuais, os segundos expressam metas de grupo.

Mas, porque os valores são guias de comportamento para o alcance de determinados objetivos, eles não podem

estar todos alinhados com o mesmo grau de importância. Os valores estão hierarquizados de acordo com as metas que se auguram alcançar. Cada pessoa e organização tem a sua hierarquia de valores, daí que seja frequente a existência de conflitos de interesses entre as partes, sendo, por vezes, apresentados como irreconciliáveis.

Os valores e comportamentos desejados, para serem mais facilmente partilhados, precisam de estar refletidos em todos os processos e sistemas da organização. Não é suficiente definir a missão, a visão e os valores da empresa e comunicá-los através do site, ou colocá-los na parede, para que todos os colaboradores se comportem de forma alinhada com os valores definidos mas sim, estarem patentes no seu modo de gestão.

Os valores não devem ser confundidos com declarações de intenção, pois muitas vezes existem diferenças entre o que é dito e o que é feito.

A criação de uma cultura partilhada de valores que guia, implícita e explicitamente, as atividades diárias dos colaboradores a todos os níveis e funções, permite à empresa nutrir a sua própria sobrevivência e desenvolvimento, maximizando os retornos económicos uma vez que existe o compromisso de todos os intervenientes. A harmonia dos valores entre os proprietários/acionistas de uma empresa e os dos seus colaboradores é considerada uma vantagem competitiva vital.

Assim, realizou-se um estudo na CS cujo principal objetivo era perceber em que medida os valores pessoais dos trabalhadores se encontram alinhados com os valores organizacionais vigentes, assim como, procurar um melhor entendimento sobre o tipo de comprometimento organizacional predominante nestes trabalhadores, no sentido de se poderem implementar políticas organizacionais que permitam melho-

rar, tanto o alinhamento entre os valores pessoais e os organizacionais como aumentar os níveis de compromisso dos trabalhadores para com a organização. Daremos conhecimento dos resultados obtidos* nas próximas edições do jornal CS.

*Os resultados foram analisados e serão apresentados de forma global, nunca especificando os colaboradores individualmente.

MISSÃO

• Oferecer soluções de cobertura em telha cerâmica de elevada qualidade e perfeição estética, respondendo às mais exigentes necessidades técnicas e arquitetónicas do mercado.

VISÃO

• Proporcionar, durante gerações, um nível superior de conforto, segurança e beleza na habitação.

VALORES

- Empenho na melhoria contínua da Qualidade, Inovação e Desenvolvimento dos produtos e serviços.
- Seriedade e transparência no relacionamento com Clientes, Fornecedores, Instituições Financeiras, Estado e Acionistas.
- Fiabilidade, respeito pelos compromissos assumidos e apoio dado aos clientes.
- Criterioso cumprimento de todas as obrigações, nomeadamente as que se prendem com o bem-estar e a valorização profissional dos nossos colaboradores.
- Respeito pela comunidade, através de uma crescente preocupação com as boas práticas ambientais e a utilização das Melhores Tecnologias Disponíveis (MTD's)
- Respeito pelos direitos humanos, garantindo uma igualdade efetiva entre os cidadãos.

Palácio de Belém



PROJETO: Palácio de Belém
[Edifício das Casas Civil e Militar,
conhecido por Anexo do séc. XIX]
ARQUITETURA: Arq. Pedro Vaz
APLICADOR: Cobercam Revestimentos
de Coberturas, Unipessoal lda.
LOCALIZAÇÃO: Belém, Lisboa
COBERTURA: Telha Plasma Cinza Aço,
Soletos Cinza Aço e Telha D3 Envelhecida.

AUTOR: *Pedro Nunes de Brito Serra Vaz*, arquiteto (1994), mestre em Habitação (2002) e doutorando (3.º ano) na Área Científica da Conservação pela F.A./U.T.L. Tem comunicações publicadas em seminários do LNEC, é autor de dois livros e coautor de cinco, estando mais um no prelo, todos em temas de arquitetura e urbanismo.

Inicia a atividade liberal em 1989 em diversos projetos nas áreas da arquitetura e do urbanismo, com relevo especial para o 1.º Prémio no Concurso Internacional para o Plano de Requalificação Urbanística de Cacilhas, 1.º Prémio em Conjunto Habitacional na Unidade 5 na Vila Expo, 1.º Prémio Municipal de Reabilitação, CM Torres Novas.

Ingressa em 1996 na Direção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), onde elabora variados projetos para diversas entidades estatais, das quais se destacam o Instituto Português de Museus, Serviço Nacional Coudélico, Instituto Camões, Obra Social do Ministério das Obras Públicas e o Instituto de Investigação das Pescas e do Mar.

Em 2006, é transferido para o quadro da Presidência da República onde mantém atividade de projeto e obra, destacando-se a Loja do Museu da Presidência, a Reabilitação do Pátio dos Bichos e Passeio da Praça Afonso de Albuquerque, a Reabilitação da Casa do Regalo, dos Viveiros de Pássaros e do Palácio da Cidadela de Cascais.

Introdução

O Palácio de Belém com uma área total aproximada de 18.000m², outrora um Paço Real, é hoje a sede da Presidência da República Portuguesa. Do conjunto de edifícios que dão apoio à atividade da Presidência da República fazem parte: o Palácio Protocolar e Residência, a Casa Civil e Militar, o Centro de Documentação e Informação e a Secretaria-Geral. É neste último que se concentram os serviços de apoio técnico e administrativo da Presidência, onde se desenvolvem os projetos e procedimentos para as operações de conservação e reabilitação dos diferentes edifícios a cargo da Presidência da República. O Anexo do séc. XIX foi recentemente alvo de uma recuperação integral da cobertura e mansarda, que datavam do início do séc. XX, onde foram utilizados telha Plasma e soletos CS, respetivamente.

1. O projeto colocado a concurso previa substituir a telha marselha que o edifício tinha por telha Plasma Cinza Aço, a cor que mais se aproximava da cor dos soletos existentes. Por que motivo escolheu o modelo de telha Plasma?

A reabilitação da cobertura do Anexo do séc. XIX era desde 2008 uma prioridade. O telhado era constituído por telha vã em marselha, sem qualquer tipo de isolamento térmico, e encontrava-se muito ultrapassada no seu período de vida útil, existindo exemplos de pulverulência avançada onde as telhas se esfarelavam em pó à passagem da mão. Pelo exterior, a contaminação biológica de líquenes e fungos tinha tornado irreversível o telhado existente. O telhado em telha marselha resultava pouco coerente com as mansardas executadas em soletos cerâmicos pintados a cinza, que claramente procuravam uma imagem de influência francesa para este bloco iniciado em 1887 por Silva Castro, o arquiteto do Ministério das Obras Públicas, que o acompanhou até 1892, data do seu falecimento. Segue-lhe o Arq. Rosendo Carvalheira que o termina em 1902, mantendo o projeto do seu colega do MOP.

Ao analisar a origem e estratégias desenhadas para o edifício, suscita a sensação de que o objetivo seria uma cobertura integral em cinza (idealmente em zinco, o que talvez excedesse a possível capacidade financeira), mas que por operacionalidade foi apenas aplicada sobre os soletos, já que as telhas do telhado dificilmente manteriam a cor e não tinham leitura do solo. Por outro lado, a telha escolhida não foi a aba e canudo ou capa e canal curvos como existe no restante Palácio de Belém, por vontade de continuar na cobertura do Anexo do séc. XIX a diferença que já existia na volumetria do novo edifício. Para esta concretização foi escolhida a marselha, de gosto francês, mas na verdade uma opção de telha corrente, abaixo do nível de desenho e requinte pretendido para este edifício. Ponderados todos estes elementos, pa-

recia razoável considerar que o revestimento que vinculava a intenção de projeto eram os soletos cinzas. Assumida esta premissa, pretendeu-se propagar esta “vontade” de projeto para a cobertura, conseguindo a coerência global que faltava. A telha Plasma, pela sua forma plana e lisa, era a opção mais adequada para se apresentar como uma opção contemporânea, que não pretendia fingir ser antiga, mas assegurava uma continuidade natural dos soletos nos planos da cobertura. Sendo os soletos curvos, o desenho retangular da telha Plasma mantinha a necessária diferença entre o que a nossa obra estava a reabilitar (os soletos) e o que estava a alterar (a cobertura).

2. Nessa altura, já tinha sido apresentada publicamente uma Auditoria Energética ao Palácio de Belém, tendo sido identificadas medidas de eficiência energética a implementar. A telha cerâmica, desde que corretamente aplicada, contribui para a redução dos efeitos térmicos resultantes da exposição solar. As soluções construtivas utilizadas na renovação das coberturas tiveram este aspeto em consideração?

A auditoria referida esteve na base da definição da reabilitação desta cobertura como prioritária, exatamente porque este edifício alberga serviços vitais da Presidência, que funcionam cerca de 12 horas diárias, muitos dias de feriados e fins-de-semana, e por isso o comportamento energético da sua envolvente era uma preocupação. Tal como em muitos edifícios do séc. XIX, as paredes apresentam inércias térmicas interessantes mas as coberturas são muito permeáveis às trocas térmicas. A intervenção pretendeu melhorar o desempenho térmico através de um sistema completo que incluiu placas de OSB de 12mm, isolamento térmico em placas de poliestireno expandido de alta densidade de 60mm, subtelha, ripado metálico e a telha propriamente dita. Foram mantidas vários pontos de ventilação da cobertura, para impedir a



concentração de temperaturas desfavoráveis no Verão.

3. Foi inicialmente previsto pintar os soletos existentes na mansarda, mas pelo seu avançado estado de degradação, e porque a tinta tem uma durabilidade limitada, foi lançado o desafio de produzir soletos de dimensões e cor similares aos existentes, ao qual correspondemos. Até que ponto considera importante a capacidade de as empresas poderem dar resposta a projetos com produtos específicos, feitos à medida?

O mercado da reabilitação e do restauro revela permanentemente peças e acessórios das mais diferentes naturezas e dimensões, impelindo os arquitetos que se movimentam nesta área a procurar soluções feitas à medida da obra, em vez que aplicar o que existe, na obra. Quando foi acrescentada a telha na cobertura, foi escolhido um material do séc. XXI, distintamente novo. Quando quisemos reabilitar os soletos, era importante trocar o material por outro com a mesma textura, dimensão e cromatismo, para conseguir o mesmo efeito plástico. E tal só foi possível graças à maleabilidade de uma empresa que sendo grande, consegue fazer pequeno. Sendo o mercado da reabilitação um caminho de futuro, parece cada vez mais relevante existir essa capacidade no mundo empresarial português.

4. Foram também reabilitadas as coberturas da Secretaria-Geral com telha marselha D3, na cor envelhecida. Porquê esta escolha?

A cobertura da Secretaria-Geral sen-

do mais recente que a do Anexo do séc. XIX, encontrava as suas telhas igualmente envelhecidas, com deformações nas águas dos telhados com risco de colapso, sem qualquer isolamento térmico específico. Neste caso, o edifício que foi outrora o ginásio de Cavalaria 7, fora transformado em edifício de serviços há mais de 40 anos e fazia parte de um conjunto de outros edifícios onde existe a mesma telha marselha. A opção pela marselha era evidente por continuidade formal, sendo a escolha da cor envelhecida decidida para evitar o choque que um telhado novo provoca nos alçados dos edifícios.

5. A recuperação das coberturas contou com um acompanhamento transversal da CS, desde o início do projeto, até ao apoio técnico, em obra. Como avalia este apoio no desenrolar do projeto e durante a fase de aplicação?

O apoio técnico permitiu escolher melhor dentro das possibilidades existentes e saber até onde se poderia melhorar o que se iria executar de novo. Foi disponibilizado sempre apoio nos sistemas de montagem, para garantir a sua correção. Na execução dos soletos por medida igual aos existentes foram introduzidas subtis melhorias invisíveis. Os soletos foram tornados um pouco mais compridos para melhorar a sobreposição dos mesmos. A opção por um pigmento engobado no cerâmico, cozido com a telha e por isso muito mais duradouro que a pintura sobre o cerâmico, foi uma opção proposta pela CS que visava a longevidade do sistema.



PORTUGAL tem futuro

*E é neste país que temos que encontrar soluções.
É neste país que estão as soluções.
Nós fazemos parte da solução.*

Nestes momentos tão conturbados da nossa nação, seria fácil tecer mais alguns comentários sobre as malajitas políticas, económicas e sociais que nos vêm atingindo, como se isso permitisse atenuar as nossas culpas e o nosso sofrimento. E não somos apenas nós, os “portugas”, que estamos mal (ou muito mal) em matéria de funcionamento da economia, mesmo que muitos dos nossos ditos especialistas façam diagnósticos, análises rebuscadas, quicá quase arquitetem novas teorias económicas e medidas para implementar neste território agora subjugado aos poderes da moeda, o vil metal que tudo comanda. Paul Krugman¹, prémio Nobel da Economia em 2008, tem uma forma muito pragmática de dizer que somos nós, todos nós, os culpados pelo desastre económico que se está a viver em grande parte do Mundo. Nós, consumidores, empresas, empresários, estado. Nós. Más políticas, más ideias, más opções, provocaram graves desequilíbrios no Mundo, mas garantiram a uns quantos indivíduos, ganhos e poder completamente absurdos, capazes de pôr em causa a própria identidade das nações e dos indivíduos. Vejam-se os exemplos mais recentes da economia moderna, desde a crise imobiliária americana e *subprime* (Fannie Mae, Freddie Mac), ao colapso do Lehman Brothers, e ao efeito de dominó na banca mundial (Merril Lynch, Northern Rock, Hypo Real Estate, etc.) e nos países (Islândia, Irlanda, Grécia, Portugal), até ao recente caso do Chipre ou outros que se vão prefigurando no horizonte. A especulação, a manipulação e, claro, a má gestão, têm uma am-

plitude por vezes incontrolável, criando autênticos holocaustos na economia. E não venham apregoar as regras/normas de auditoria preventiva e *rating* às sociedades financeiras e às próprias nações, pois sabemos (ou não) quanto amealham as entidades que “vendem”/prestam esses serviços, às vezes de duvidosa qualidade intrínseca. Consumo, investimento, riqueza, impostos, procura, oferta, com muitos outros agregados macroeconómicos, fazem da economia um verdadeiro “motor”, mas que só funciona bem se todos esses componentes estiverem bem integrados e afinados. E esses “componentes” não têm funcionado bem e têm resistido às tentativas de correção que vêm sendo feitas.

Em Portugal, mau grado não se vislumbrarem boas notícias nem mesmo com todos os retoques que vão sendo dados nas estimativas das contas públicas para 2013 e 2014, fica-nos a esperança de que estamos no caminho do sucesso (!), como referiu recentemente o ministro das finanças durante a visita aos EUA e às entidades financeiras que avaliarão esse sucesso.

Será mesmo um caso de sucesso?

Se o objetivo for único e só o que tem vindo a ser apregoado como a Salvação, o dito regresso aos mercados (mercados de financiamento da dívida pública), então ficamos contentes com pouco, muito pouco, e felizes por continuarmos dependentes de todos quantos gerem os biliões com um único propósito, maximização dos resultados, não posto em causa porque esse será sempre admissível na ótica do capitalismo

moderno, mas sempre desprezível se conseguido à custa de manipulação, especulação, ou mesmo apropriação indevida (i.e. roubo, no Dicionário de Português, Porto Editora).

Mais uma vez não nos permitimos esgrimir argumentos que demonstrem o contrário, pois correríamos o risco de engrossar a lista dos insatisfeitos (que já se eterniza), antes querendo evidenciar aquilo que é mais importante para o futuro:

Produzir mais e melhor.

Produtividade e competitividade deverão fazer parte da nossa cartilha.

A competitividade, por ser um problema importante e porque dela depende o emprego e o equilíbrio externo², mas que não garante por si só a melhoria do nível de vida (esse sim, o objetivo último da política económica).

E a melhoria desse nível de vida só é conseguida através de ganhos sustentados e duradouros na produtividade, ou seja, produzindo mais por cada unidade de capital e trabalho (ou produzindo o mesmo com menos capital e trabalho). E todos temos o dever de participar nesta cruzada que sabemos ser longa e exigente. O momento exige confiança, querer, vontade.

Tanto a nível macroeconómico da nação, como a nível microeconómico das empresas e das famílias, temos que ter confiança na nossa própria capacidade para responder aos desafios, para vencer as contrariedades, para encontrar caminhos que nos permitam superar as dificuldades.

No querer vencer e na vontade de mostrar de que somos capazes, assenta a nossa resiliência.

Salvaguardando alguns excessos, Nicolau Santos³ faz uma apologia do nosso Portugal em aspetos deveras interessantes (que não apenas os “discos riscados” do turismo, dos futebolistas, da sardinha e do fado), desde a evolução dos nossos indicadores demográficos mais importantes como, por exemplo, a taxa de mortalidade infantil, passando pela inovação nas áreas farmacêutica, têxtil, telecomunicações e sistemas de informação, ou pela dimensão na área das energias renováveis, ou ainda pela “revolução” em coisas tão simples como o papel higiénico, todos esses sinais de um país que inventou e desenvolveu, um país que revolucionou.

¹ Paul Krugman, “Acabem com esta crise, já”, Editorial Presença, 2ª ed., 2012

² Vítor Bento, “Perceber a crise para encontrar o caminho”, Bnomics, 2009

³ Nicolau Santos, “Portugal vale a pena” coletânea coordenada por Paula Ribeiro, Oficina do Livro, 2012

Edição:

CS - Coelho da Silva
Albergaria
2480-071 Juncal
Portugal

+351.244479200
www.cs-coelhodasilva.pt

Textos:

Carlos Martins
Cláudia Palhais
Sónia Felgueiras

Fotografia:

Pedro Lobo [pág. 2]
Viriato & Viriato [pág. 6 e 7]

Design gráfico:

Miguel Pinto Félix

Produção:

forward.pt

Impressão:

Lidergraf – Artes Gráficas, S.A.

© CS Coelho da Silva, SA.

Todos os direitos reservados.



Os números anteriores do Jornal CS estão disponíveis online.